

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA,  
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,  
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o | s | e | s | p |

Orquestra  
Sinfônica do  
Estado de  
São Paulo

**Temporada 2024**

Osesp 70 anos

**9, 10 e 11  
de maio**

9 DE MAIO, QUINTA-FEIRA, 20H30  
10 DE MAIO, SEXTA-FEIRA, 14H30  
11 DE MAIO, SÁBADO, 16H30

---

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP**

**THIERRY FISCHER** REGENTE

**TOM BORROW** PIANO

---

CHARLES IVES [1874-1954]

*Central Park in the dark* [CENTRAL PARK NO ESCURO][1906]

9 MINUTOS

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]

*Concerto para piano nº 1 em Dó maior, Op. 15* [1795-1798]

1. Allegro con brio

2. Largo

3. Rondó: allegro

36 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]

*Uirapuru* [1917]

20 MINUTOS

EDGARD VARÈSE [1883-1965]

*Amériques* [1921-1929]

25 MINUTOS

## CHARLES IVES

DANBURY, CONNECTICUT, EUA, 1874 – NOVA YORK, EUA, 1954

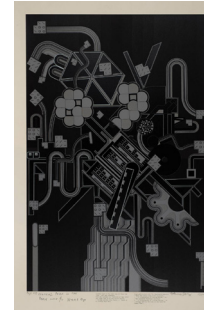
**Central Park in the dark** [CENTRAL PARK NO ESCURO] [1906]

**Orquestração:** piccolo, 2 flautas, oboé, clarinete, requinta, fagote, trompete, trombone, percussão, piano e cordas.

A vida de Charles Ives, assim como a sua música, surpreende por ser o resultado de experiências aparentemente contraditórias. Filho de um professor de música, Ives nasce em uma rica família progressista do nordeste dos Estados Unidos. Atleta premiado, forma-se em Yale com distinção e começa a trabalhar em Nova York, onde inventa uma nova forma de seguro de vida. Após abrir sua própria empresa, ganha fama e fortuna como gênio das finanças, mas continua atuando como organista nas igrejas da cidade. Afetado por vários problemas de saúde, dedica parte do tempo à composição (e posterior revisão obsessiva) de suas partituras radicalmente originais. Ignorada durante a sua vida, sua obra (que inclui quatro sinfonias, centenas de canções e diversas peças orquestrais e instrumentais) foi recuperada com admiração e espanto por nomes importantes da geração do pós-guerra, como Elliot Carter, Aaron Copland e Leonard Bernstein.

Em 1966, o vanguardista russo Igor Stravinsky, exilado há décadas nos Estados Unidos, louvou as descobertas pioneiras do compositor que, segundo ele, “já estava explorando, na época de [Richard] Strauss e Debussy, procedimentos da música muito posterior, como politonalidade; atonalidade; clusters<sup>1</sup>; séries sonoras; orquestras múltiplas; um vocabulário rítmico que ainda hoje pode ser considerado inovador; micro-intervalos; música aleatória; composição estatística; permutações; piadas sonoras e improvisações”.<sup>2</sup>

Algumas dessas novidades estão presentes em uma de suas obras mais ousadas, *Central Park in the dark*, que trazia como subtítulo *Contemplation of nothing serious* [Contemplação de nada muito sério], e que fazia par com outra peça importante, *The unanswered question: contemplation of a serious matter* [A pergunta sem resposta: contemplação de um assunto sério]. Composta em 1906, mas estreada apenas em 1946, a obra destoa, por seu radicalismo modernista, das tentativas de criação de uma “música nacional” americana. No lugar das sublimes montanhas e florestas cantadas pelo Romantismo (acompanhadas eventualmente pelas águas e nuvens do Impressionismo francês da mesma época), a



*Central Park in the dark some 40 years ago, quadro de Eduardo Prolozzi inspirado na peça de Ives.*

<sup>3</sup> Estilo musical originado nos EUA no final do século XIX, possui acentos rítmicos em momentos inesperados. O ragtime é também associado a uma forma de dança popular com movimentos rápidos, realizada em duplas. [Nota da Editora]

<sup>4</sup> CAGE, John. *A Year From Monday*. Wesleyan: University Press, 1967, p. 41.

obra de Ives busca dar concretude à ideia de um complexo “quadro sonoro”, no qual a natureza, como no famoso parque de Nova York, está rodeada pelo caos da metrópole.

Com uma instrumentação original (composta por dois grupos orquestrais separados espacialmente, além de dois pianos, um deles mecânico), a música buscava reproduzir a experiência de alguém sentado em um banco do Central Park, em uma “quente noite de verão”, como o próprio compositor descreveu nas notas para uma das versões da obra. Segundo esse programa, as cordas representariam o “som silencioso” da natureza, atravessado sucessivamente, nos sopros e na percussão, pelo ruído de jovens embriagados voltando para casa, cantando trechos de canções populares da época, enquanto pianolas “duelam ragtimes<sup>3</sup> de sucesso” através das janelas dos ricos apartamentos das ruas adjacentes, acompanhadas pelo som ritmado e difuso de carroças e carros em constante movimento. John Cage, um dos admiradores de Ives, comentou: “ele sabia que o fato de o som vir de diferentes pontos no espaço era em si mesmo algo interessante. Ninguém antes dele tinha pensado isso”.<sup>4</sup>

Antecipando as vanguardas dos anos 1920, essa peça de Charles Ives (como outras de suas obras) se estrutura a partir da sobreposição de sons e ruídos inesperados, criando um mundo sonoro baseado no choque entre o natural e o urbano, entre a tranquilidade da vida tradicional e as novidades sensoriais da metrópole, transformando finalmente em música as contradições que marcam a modernidade americana.

### JORGE DE ALMEIDA

Doutor em filosofia, professor de teoria literária e literatura comparada na USP e professor convidado do curso de redação e crítica musical na Academia de Música da Osesp.

<sup>1</sup> Técnica de composição na qual várias notas são tocadas simultaneamente em um acorde dissonante e denso. São comumente encontrados na música contemporânea, na música experimental e em algumas formas de música de vanguarda, contrastando com a harmonia tradicional. [Nota da Editora]

<sup>2</sup> “Music and the Statistical Age. An Interview with Igor Stravinsky”. *Commentary*, setembro de 1966.

## LUDWIG VAN BEETHOVEN

BONN, ALEMANHA, 1770 – VIENA, ÁUSTRIA, 1827

**Concerto para piano nº 1 em Dó maior, Op. 15** [1795-1798]

**Orquestração:** flauta, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 2 trompas, 2 trompetes, tímpanos e cordas.

Em novembro de 1792, Beethoven chega a Viena para estudar com o compositor Joseph Haydn. Logo após se estabelecer na cidade, rumores sobre o seu talento como pianista começam a se espalhar. Joseph Gelinek, um virtuoso da época, chega a dizer: “Nunca ouvi alguém tocar assim! Ele improvisou sobre um tema que lhe dei de uma maneira que nunca ouvi nem o próprio Mozart improvisar. Em seguida, tocou composições próprias, altíssimas em virtuosismo e grandiosidade, demonstrando dificuldades e efeitos no piano que superam qualquer coisa que poderíamos imaginar”.

O fato de Beethoven ser um exímio pianista refletiu diretamente na forma como os dois primeiros concertos foram pensados. Ambos pertencem, ainda, a uma estética do século XVIII, consolidando a forma do concerto clássico estabelecida por Mozart e Haydn, que dá primazia à escrita pianística ao invés de propor uma construção em que tanto a orquestra quanto o piano contribuam de forma equivalente.

A numeração dos primeiros concertos para piano e orquestra de Beethoven causa uma certa confusão. Seu concerto conhecido como nº 1 (em Dó Maior) não é, na verdade, a primeira contribuição do compositor para o gênero. Houve, da época de sua adolescência, um concerto em Mi bemol maior que não entrou no seu catálogo oficial, além de outras prováveis tentativas de seu período em Bonn, as quais permanecem perdidas para a história. O próprio *Concerto para piano nº 2 em Si bemol maior* foi composto anteriormente ao primeiro; mas permaneceu a ordem em que foram publicados.

Foi o *Concerto para piano nº 1 em Dó maior* o escolhido para sua estreia vienense, em uma academia<sup>1</sup> organizada por Haydn. Beethoven o considerava uma obra de maior brilho, capaz de impressionar o público. Posteriormente, o compositor pediu indulgência aos críticos, para os seus dois primeiros concertos, declarando que “eles não pertenciam ainda aos [seus] melhores [exemplares] do gênero”, considerando-os “já ultrapassados”.

<sup>1</sup> Concertos em benefício de um músico ou compositor. A primeira *Akademie* organizada em seu próprio benefício ocorreu em 2 de abril de 1800, quando Beethoven estreou sua *Sinfonia nº 5*.

Por mais que a ligação com o passado ainda esteja bastante presente, já é possível reconhecer neles a personalidade dos acentos beethovenianos, a começar pelos primeiros compassos do *Opus 15*. A forma rítmica do primeiro tema traz um senso afirmativo típico de Beethoven, sobre o qual o piano fará variações e desenvolvimentos.

As escolhas harmônicas de Beethoven são, também, bastante arrojadas. Ao finalizar o primeiro movimento apenas com a nota Dó, sem o resto do acorde, ele surpreende o nosso ouvido ao iniciar o movimento seguinte com a mesma nota, mas agora integrada ao acorde de Lá bemol maior, já distante de Dó maior. É justamente a nota dó o elo entre ambos os acordes. Essa forma de condução harmônica será, posteriormente, muito característica na produção de Beethoven.

É no lirismo e na delicadeza do segundo movimento que possivelmente estejam contidos os elementos que inspiraram Beethoven a dedicar a obra à princesa Anna Louise Barbara Odescalchi, sua estimada aluna de piano. Com algo de melancólico, o piano é acompanhado de forma sutil pelas cordas e madeiras, criando uma atmosfera delicada, mesmo nos momentos de maior intensidade.

De forma abrupta, o “Rondó” final se inicia com um piano marcado por acentuações — ora em tempo, ora de forma deslocada — em um jogo bem-humorado entre o piano e a orquestra. Uma das partes centrais, que intercala a constante volta do tema principal, é muito comumente associada por nós, brasileiros, ao famoso *Tico-tico no fubá*, de Zequinha de Abreu. Nada além de uma mera coincidência rítmica.

É compreensível a modéstia de Beethoven ao pedir a indulgência do público para suas obras iniciais. No entanto, tal pedido era, em verdade, desnecessário. Já em seus primeiros concertos, podemos observar a sua inegável criatividade e capacidade de dialogar com o passado, sem jamais perder de vista o futuro.

### FLÁVIO LAGO

Formado pela Unesp e pela Fundação Magda Tagliaferro, possui intensa atividade como pianista e maestro. Foi aluno da Academia de Música da Osesp, onde concluiu os cursos de Regência [2022] e de Redação e Crítica Musical [2023].

*Uirapuru* [1917]

**Orquestração:** piccolo, 2 flautas, 2 oboés, corne-inglês, 2 clarinetes, clarone, saxofone, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão, celesta, piano, 2 harpas e cordas (violinos, violas, violoncelos, contrabaixos e violonofone).



Em sua célebre *Canção do Exílio*, o poeta romântico Gonçalves Dias expressou assim as saudades da terra natal: “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá. / As aves, que aqui gorjeiam, / não gorjeiam como lá”. Com exceção do rouxinol, cujo belo canto livre inspirou inúmeras obras importantes (de Guillaume de Machaut a Igor Stravinsky), as aves europeias (corvos, gralhas, pegas, cucos) “gorjeiam” de forma áspera e repetitiva. No Brasil, ao contrário, são vários os pássaros louvados em verso e prosa: patativas, canários, bem-te-vis, tico-ticos, e o mais enigmático de todos: o lendário uirapuru.

O folclorista Câmara Cascudo coletou diversas lendas indígenas associadas a esse pequeno pássaro de plumagem colorida, cujo canto de acasalamento, ouvido durante poucos minutos nas poucas semanas do ano em que o macho constrói seu ninho no alto das árvores amazônicas, tem enfeitado seus ouvintes desde muito antes da chegada dos europeus às Américas. A melodia básica desse canto lendário, divulgada pela transcrição feita pelo naturalista inglês Richard Spruce em meados do século XIX, serviu de inspiração a Villa-Lobos para compor uma de suas mais conhecidas obras: *Uirapuru, o pássaro encantado, bailado brasileiro*.

Pesquisas recentes descrevem a complicada gênese dessa obra, desenvolvida a partir do poema sinfônico *Tédio de alvorada: sobre uma paisagem*, composto entre 1916 e 1917.<sup>1</sup> Anos mais tarde, o famoso coreógrafo Serge Lifar, em turnê pela América do Sul, apresenta um balé sobre o *Choros nº 10 — Rasga o coração* do compositor brasileiro, baseado na lenda indígena do Jurupari. Para retribuir a gentileza, Villa-Lobos decide reaproveitar temas e motivos da obra anterior, completando em 1934 a partitura final de *Uirapuru*, que estrearia no ano seguinte, no Teatro Colón de Buenos Aires, por ocasião de uma visita de Getúlio Vargas à capital argentina.

<sup>1</sup> LAGO, Manuel Corrêa do; BERNSTEIN, Guilherme. *Uirapuru: Do Tédio de Alvorada ao Uirapuru: Partituras de estudo comentadas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2021.

<sup>2</sup> Citado em Villa-Lobos, sua obra. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1972, p. 245.

<sup>3</sup> Nas artes como a literatura ou a música, o leitmotiv descreve um tema narrativo recorrente ao longo de toda obra, evocando entidades, conceitos ou sentimentos. [Nota da Editora]

<sup>4</sup> O cromatismo refere-se ao uso de todas as doze notas da escala cromática dentro de uma composição musical, isto é, as notas naturais (do, ré, mi, fá, sol, lá, si) e os intervalos entre essas, como sustentidos e bemóis. [Nota da Editora]

O “bailado brasileiro” trazia originalmente um programa, adaptado por Villa-Lobos a partir de várias fontes. O texto, marcado pela linguagem da época, pode ser resumido nas seguintes passagens: “Em uma floresta calma e silenciosa, aparece um índio feio, tocando flauta. Em grupo alegre, surgem as mais belas selvícolas da região do Pará, que se decepcionam ao descobrirem o índio feio. Indignadas, enxotam-no brutalmente [...]. Procuram o uirapuru, certas de encontrarem um lindo jovem [...]. Seduzida pelo canto mavioso do uirapuru, uma linda e robusta índia lança-lhe a flecha, prostrando-o por terra. Surpreende-se ao vê-lo transformar-se num belo índio, que é disputado pelas índias. [...] No auge da contenda ouve-se o som fanhoso e agoureiro da flauta de osso. Temendo uma vingança, as índias procuram esconder o belo índio, que é surpreendido pelo índio feio, feroz e vingativo, que, atirando-lhe uma flecha, fere-o mortalmente. Pressurosas, as índias carregam o belo índio em seus braços para a beira de um poço, onde subitamente ele se transforma num pássaro invisível, deixando-as tristes e apaixonadas a ouvir apenas o seu canto maravilhoso, que desaparece no silêncio da floresta”.<sup>2</sup>

A melodia do uirapuru serve de *leitmotiv*<sup>3</sup> para a construção de toda a obra. Mistura de paisagem musical e narrativa lendária, a composição aproveita, a partir de um ponto de vista “americano”, técnicas e procedimentos da música europeia mais avançada da época, da flauta impressionista de Debussy aos ritmos entrecortados de Stravinsky, passando pelo cromatismo<sup>4</sup> wagneriano e uma textura orquestral digna de Richard Strauss. Mas tudo isso, como diria Oswald de Andrade, companheiro de Villa-Lobos na Semana de Arte Moderna de 1922, acaba sendo “antropofagicamente” utilizado para a criação de uma música genuinamente brasileira. Herdando e renovando as tradições românticas, o Modernismo nacionalista também se vale da idealização dos povos originários e da exaltação da natureza para representar as contradições e esperanças de um país em busca de si mesmo.

JORGE DE ALMEIDA.

**EDGARD VARÈSE** PARIS, FRANÇA, 1883 – NOVA YORK, EUA, 1965

**Amériques** [1921-1929]

**Orquestração:** piccolo, 5 flautas, 3 oboés, corne-inglês, heckelphone, 3 clarinetes, requinta, clarone, 3 fagotes, 2 contrafagotes, 8 trompas, 6 trompetes, 3 trombones tenor, trombone baixo, trombone contrabaixo, tuba, tuba contrabaixo, 2 tímpanos, percussão, celesta, 2 harpas e cordas.

Jovem cosmopolita, Edgard Varèse estudou música e engenharia na França, Itália e Alemanha, antes de partir para Nova York em 1915, após ser considerado inapto para defender o exército francês na Grande Guerra. Influenciado pelo Dadaísmo e pelo Futurismo, ele encontrou no cotidiano da metrópole americana um exemplo vivo da modernidade imaginada pela arte europeia. Entre 1918 e 1921, Varèse consolidou essa experiência na composição de *Amériques*, sua primeira obra importante. Grandiosa e complexa, a partitura apresentava tantas dificuldades de execução que o compositor, após uma primeira versão em 1926, resolveu reformular a obra para a estreia parisiense, em 1929. O público francês, acostumado com as vanguardas e fascinado pelo chamado “primitivismo americano”, acabou se surpreendendo com as inovações da peça, apresentada ao lado do poema sinfônico *Amazonas*, de Heitor Villa-Lobos, em um programa dedicado à “música do Novo Mundo”.

Presente na escandalosa estreia da *Sagração da Primavera*, Varèse acabou chocando seus antigos mestres europeus, reconfigurando o Impressionismo de Debussy, a ironia de Satie, o virtuosismo de Busoni e a riqueza rítmica de Stravinsky, com o objetivo de traduzir em música o vigor da modernidade americana. Apesar da evidente intenção mimética, *Amériques* deveria ir além da mera referência programática, adquirindo um significado simbólico ao expressar um “estado de alma” propriamente “americano”. A obra seria, nas palavras do compositor, “uma meditação, a impressão de um estrangeiro que se interroga sobre as possibilidades extraordinárias de nossa nova civilização”.

O tema inicial, anunciado pela flauta e acompanhado pelas harpas, é logo interrompido por ríspidas intervenções dos sopros e da percussão. Uma explosão de novos timbres e ritmos submerge os temas principais em uma complexa textura sonora. Elliot Carter chama a atenção para o uso estrutural de pequenas células rítmicas, ampliadas ou reduzidas, em uma espécie de “prosa

ritmada”.<sup>1</sup> O ritmo caótico da metrópole faz-se presente no uso reiterado da sirene, constantemente calada pelo martelar incessante da cidade em constante reconstrução. Ousadamente vanguardista, a música parece querer romper as paredes da sala de concerto, alcançando de forma concreta a violenta cacofonia das ruas.

A breve obra de Varèse (composta por duas dezenas de peças completas, com cerca de duas horas de extensão, no total), assim como a de outros artistas radicais da primeira metade do século XX, foi redescoberta pela geração de músicos do pós-guerra. O compositor franco-americano passa a ser respeitado como um precursor da música eletrônica (em 1953, disputou uma verba para fundar o que teria sido o primeiro estúdio de música eletrônica, mas sua proposta foi recusada) e um pioneiro na utilização de procedimentos matemáticos e científicos em experimentos sonoros (como já demonstram os títulos de algumas de suas obras mais avançadas: *Hyperprism; Intégrales; Ionisation*). Frank Zappa, que idolatrava Varèse desde a juventude, escreveu: “Sua música é completamente única. Se vocês não a ouviram ainda, vão ouvi-la! Se já a tiverem ouvido e pensam que é apenas um conjunto de efeitos sonoros, ouçam-na novamente!”<sup>2</sup>

**JORGE DE ALMEIDA.**

Revisão crítica da nota: **Igor Reis Reyner.**



Varèse e  
Villa-Lobos [1957]

<sup>1</sup> CARTER, Elliot. “On Edgard Varèse. In: *The New Worlds of Edgar Varèse: A Symposium*. Nova York, Institute for Studies in American Music, 1979, pp. 1-7.

<sup>2</sup> ZAPPA, Frank. “Edgard Varese: The Idol of My Youth”. *Stereo Review*, June 1971, pp. 61-62.



## ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

A Osesp é um dos grupos sinfônicos mais expressivos da América Latina. Com 13 turnês internacionais e quatro turnês nacionais realizadas, uma centena de álbuns gravados e uma média de 120 apresentações por temporada, vem alterando a paisagem musical do país e pavimentando uma sólida trajetória dentro e fora do Brasil, obtendo o reconhecimento de revistas especializadas, como *Gramophone* e *Diapason*, e relevantes prêmios, como o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Clássica de 2007. A Osesp se destacou ao participar de três dos mais importantes festivais de verão europeus, em 2016, ao se tornar a primeira orquestra profissional latino-americana a se apresentar em turnê pela China, em 2019, e ao estreiar, em 2022, no Carnegie Hall, em Nova York, na série oficial de assinatura da casa. Desde 2020, Thierry Fischer ocupa os cargos de diretor musical e regente titular, antes ocupados por Marin Alsop [2012–19], Yan Pascal Tortelier [2010–11], John Neschling [1997–2009], Eleazar de Carvalho [1973–96], Bruno Roccella [1963–67] e Souza Lima [1953]. A Osesp também abrange corpos artísticos e projetos sociais e de formação, como os Coros Sinfônico, Juvenil e Infantil, a Academia de Música, o Selo Digital, a Editora da Osesp e o Descubra a Orquestra. Fundada em 1954, a Orquestra passou por reestruturação entre 1997–99, e, desde 2005, é gerida pela Fundação Osesp.



## THIERRY FISCHER REGENTE

Desde 2020, Thierry Fischer é diretor musical da Osesp, cargo que também assumiu em setembro de 2022 na Orquestra Sinfônica de Castilla y León, na Espanha. De 2009 a junho de 2023, atuou como diretor artístico da Sinfônica de Utah, da qual se tornou diretor artístico emérito. Foi principal regente convidado da Filarmônica de Seul [2017–20] e regente titular (agora convidado honorário) da Filarmônica de Nagoya [2008–11]. Já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble Intercontemporain. Thierry Fischer iniciou a carreira como Primeira Flauta em Hamburgo e na Ópera de Zurique. Gravou com a Sinfônica de Utah, pelo selo Hyperion, *Des Canyons aux Étoiles* [Dos cânions às estrelas], de Olivier Messiaen, selecionado pelo prêmio Gramophone 2023, na categoria orquestral. Na Temporada 2024, embarca junto à Osesp para uma turnê internacional em comemoração aos 70 anos da Orquestra.



## **TOM BORROW** PIANO

Nascido em Tel Aviv, em 2000, Tom Borrow iniciou seus estudos no Conservatório de Música de Givatayim e na Escola de Música Buchmann–Mehta, frequentando ainda o Centro de Música de Jerusalém. Recebeu aclamação do público e da crítica após ser chamado com apenas 36 horas de antecedência para substituir a renomada pianista Khatia Buniatishvili em uma série de 12 concertos com a Filarmônica de Israel, em 2019. Em 2021, após estreia muito elogiada junto à Orquestra de Cleveland, a *Musical America* o indicou como “Novo Artista do Mês”. Nomeado Artista da Nova Geração da BBC, apresenta-se regularmente no Wigmore Hall. Estreou em 2022 na BBC Proms, no Royal Albert Hall. Dentre suas distinções, destacam-se o Prêmio Terence Judd–Hallé Orchestra [2023], o Concurso de Jovens Artistas da Rádio Israelense e da Sinfônica de Jerusalém, além do prêmio “Maurice M. Clairmont” [2018], concedido pela America–Israel Cultural Foundation e pela Universidade de Tel Aviv. Seus compromissos recentes incluem a Orquestra de Cleveland, as Sinfônicas Nacional Dinarmaquea, de Milão, de Baltimore, de Atlanta, de St. Louis e da BBC, as Filarmônicas Tcheca e de Londres, além das orquestras do Konzerthaus de Berlim e de Viena e a própria Osesp.

## **ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP**

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR  
THIERRY FISCHER

### VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA  
DAVI GRATON SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS  
YURIY RAKEVICH SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS  
ADRIAN PETRUTIU SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS  
AMANDA MARTINS SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS  
IGOR SARUDIANSKY CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS  
MATTHEW THORPE CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS  
ALEXEY CHASHNIKOV  
ANDERSON FARINELLI  
ANDREAS UHLEMANN  
CAMILA YASUDA  
CAROLINA KLIEMANN  
CÉSAR A. MIRANDA  
CRISTIAN SANDU  
DÉBORAH SANTOS  
ELENA KLEMENTIEVA  
ELINA SURIS  
FLORIAN CRISTEA  
GHEORGHE VOICU  
INNA MELTSEY  
IRINA KODIN  
KATIA SPÁSSOVA  
LEANDRO DIAS  
MARCIO KIM  
PAULO PASCHOAL  
RODOLFO LOTA  
SORAYA LANDIM  
SUNG-EUN CHO  
SVETLANA TERESHKOVA  
TATIANA VINOGRADOVA

### VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO  
MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO  
PETER PAS CONCERTINO  
ANDRÉ RODRIGUES  
ANDRÉS LEPAGE  
DAVID MARQUES SILVA  
ÉDERSON FERNANDES  
GALINA RAKHIMOVA  
OLGA VASSILEVICH  
SARAH PIRES  
SIMEON GRINBERG  
VLADIMIR KLEMENTIEV

### VIOLONCELOS

KIM BAK DINITZEN\*\*\* SOLISTA  
HELOISA MEIRELLES CONCERTINO  
RODRIGO ANDRADE CONCERTINO  
ADRIANA HOLTZ  
BRÁULIO MARQUES LIMA  
DOUGLAS KIER  
JIN JOO DOH  
MARIA LUÍSA CAMERON  
MARIALBI TRISOLIO  
REGINA VASCONCELLOS

### CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES SOLISTA  
PEDRO GADELHA SOLISTA  
MARCO DELESTRE CONCERTINO  
MAX EBERT FILHO CONCERTINO  
ALEXANDRE ROSA  
ALMIR AMARANTE  
CLÁUDIO TOREZAN  
JEFFERSON COLLACICO  
LUCAS AMORIM ESPOSITO  
NEY VASCONCELOS

### FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA  
FABÍOLA ALVES PICCOLO  
JOSÉ ANANIAS  
SÁVIO ARAÚJO

### OBOÉS

ARCADIO MINCZUK SOLISTA  
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE-INGLÊS  
PETER APPS  
RICARDO BARBOSA  
MARCELO VILARTA\*\*\*

### CLARINETES

OVANIR BUOSI SOLISTA  
SÉRGIO BURGANI SOLISTA  
NIVALDO ORSI CLARONE  
DANIEL ROSAS REQUINTA  
GIULIANO ROSAS

### FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA  
JOSÉ ARION LIÑAREZ SOLISTA  
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE  
FRANCISCO FORMIGA

### TROMPAS

LUIZ GARCIA SOLISTA  
ANDRÉ GONÇALVES  
DANIEL FILHO\*\*\*  
JOSÉ COSTA FILHO  
NIKOLAY GENOV  
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL  
EDUARDO MINCZUK

### TROMPETES

FERNANDO DISSENHA SOLISTA  
ANTONIO CARLOS LOPES JR.\* SOLISTA  
MARCOS MOTTA UTILITY  
MARCELO MATOS



**TROMBONES**  
DARCIO GIANELLI SOLISTA  
WAGNER POLISTCHUK SOLISTA  
ALEX TARTAGLIA  
FERNANDO CHIPOLETTI

**TROMBONE BAIXO**  
DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

**TUBA**  
FILIPE QUEIRÓS SOLISTA

**TÍMPANOS**  
ELIZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA  
RICARDO BOLOGNA SOLISTA

**PERCUSSÃO**  
RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO  
ALFREDO LIMA  
ARMANDO YAMADA  
RUBÉN ZÚÑIGA

**HARPA**  
LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

#### **CONVIDADOS DESTE PROGRAMA**

ROBINHO CARMO VIOLINO  
SAMUEL DIAS VIOLINO  
IGNACIO NOCÓLAS GAYA FLAUTA  
DOUGLAS BRAGA SAXOFONE  
VIVIAN MEIRA FAGOTE  
JESSICA M. DANZ TROMPA  
ADIB CORREA TROMBONE  
EDUARDO GIANESELLA PERCUSSÃO  
THIAGO LAMATTINA PERCUSSÃO  
SOLEDADE YAYA HARPA  
ARIÃ YAMANAHÁ PIANO

\* CARGO INTERINO  
\*\* ACADEMISTA DA OSESP  
\*\*\* CARGO TEMPORÁRIO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA,  
POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

## **FUNDAÇÃO OSESP**

**PRESIDENTE DE HONRA**  
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**  
PEDRO PULLEN PARENTE **PRESIDENTE**  
STEFANO BRIDELLI **VICE-PRESIDENTE**  
ANA CARLA ABRÃO COSTA  
CÉLIA KOCHEN PARNES  
CLAUDIA NASCIMENTO  
LUIZ LARA  
MARCELO KAYATH  
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR  
MÔNICA WALDVOGEL  
NEY VASCONCELOS  
PAULO CEZAR ARAGÃO  
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI  
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

**COMISSÃO DE NOMEAÇÃO**  
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO **PRESIDENTE**  
CELSO LAFER  
FÁBIO COLLETTI BARBOSA  
HORACIO LAFER PIVA  
PEDRO MOREIRA SALLES

**DIRETOR EXECUTIVO**  
MARCELO LOPES

**SUPERINTENDENTE GERAL**  
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

**DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING**  
MARIANA STANISCI

**GERENTE DE COMUNICAÇÃO**  
MARIANA GARCIA

**ANALISTA DE PUBLICAÇÕES**  
JÉSSICA CRISTINA JARDIM

**DESIGNERS**  
BERNARD BATISTA  
ANA CLARA BRAIT

+ [WWW.FUNDAÇÃO-OSESP.ART.BR/EQUIPE](http://WWW.FUNDAÇÃO-OSESP.ART.BR/EQUIPE)

## **GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**GOVERNADOR**  
TARCÍSIO DE FREITAS

**VICE-GOVERNADOR**  
FELICIO RAMUTH

## **SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS**

**SECRETÁRIA DE ESTADO**  
MARILIA MARTON

**SECRETÁRIO EXECUTIVO**  
MARCELO HENRIQUE ASSIS

**CHEFE DE GABINETE**  
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

**COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO  
DOS CONTRATOS DE GESTÃO**  
GISELA COLAÇO GERALDI

**COORDENADORA DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL,  
BIBLIOTECAS E LEITURA**  
ADRIANE FREITAG DAVID

# Próximos Concertos

12 DE MAIO

**TOM BORROW** PIANO  
**E MÚSICOS DA OSESP**

**EMMANUELE BALDINI** VIOLINO

**SUNG-EUN CHO** VIOLINO

**SARAH PIRES** VIOLA

**JIN JOO DOH** VIOLONCELO

OBRAS DE DVORÁK E GRIEG.

16, 17 E 18 DE MAIO

**OSESP**  
**THIERRY FISCHER** REGENTE  
**TOM BORROW** PIANO

OBRAS DE VALERIE COLEMAN, BEETHOVEN E RICHARD STRAUSS.

19 DE MAIO

**CORO DA OSESP**  
**LUIZ DE GODOY** REGENTE

*CANTATE DOMINO* – OBRAS DE VICENTE LUSITANO, SIR WILLIAMS HARRIS, NUNES GARCIA, MENDELSSOHN E OUTROS.



AGENDA COMPLETA: [WWW.OSESP.ART.BR/PROGRAMACAO](http://WWW.OSESP.ART.BR/PROGRAMACAO)  
INGRESSOS: [WWW.OSESP.ART.BR/INGRESSOS](http://WWW.OSESP.ART.BR/INGRESSOS)

# Algumas dicas para aproveitar ainda mais a música



## Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

## Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.



## Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.



## Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

## Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.



## Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

# Serviços



## Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.



## Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.



## Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.



## Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos – mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

# Acesso à Sala



## Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.



## Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.



## Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.

# OSESP DUAS E TRINTA





**Embarque no fim de semana: concertos sexta à tarde na Sala São Paulo por R\$ 39,60.**

Série com nove apresentações de março a dezembro  
Ingressos em [osesp.byinti.com](http://osesp.byinti.com)







Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:  
**[www.salasaopaulo.art.br/servicos](http://www.salasaopaulo.art.br/servicos)**

**www.osesp.art.br**

 @osesp\_  
 /osesp  
 /videososesp  
 /@osesp  
 @osesp

**www.salasaopaulo.art.br**

 @salasaopaulo\_  
 /salasaopaulo  
 /salasaopaulodigital  
 /@salasaopaulo

**www.fundacao-osesp.art.br**

 /company/fundacao-osesp/

P. 5 *CENTRAL PARK IN THE DARK SOME 40 YEARS AGO* [1974-1976], DE SIR EDUARDO PAOLOZZI.

© THE EDUARDO PAOLOZZI FOUNDATION

P. 8 O VIOLINOFONE. © LAURA MANFREDINI

P. 10 VILLA-LOBOS E O COMPOSITOR FRANCÊS EDGARD VARÈSE NA RECEPÇÃO OFERECIDA POR DORA VASCONCELLOS, CÔNSUL-GERAL DO BRASIL EM NOVA YORK, APÓS CONCERTO DE VILLA-LOBOS COM A FILARMÔNICA DE NOVA YORK (NEW YORK PHILHARMONIC) NO CARNEGIE HALL. [1957]

© MUSEU VILLA-LOBOS

P. 12 OESP. © MARIO DALOIA

P. 13 THIERRY FISHER. © MARCO BORGGREVE

P. 14 TOM BORROW. © TAL GINONY

A capa deste programa foi criada por uma ferramenta desenvolvida pelo estúdio Polar, Ltda. especialmente para a Osesp. Ela traduz obras musicais em imagens, usando uma paleta de cores, que ganharam nomes de emoções.

Nesta edição, as emoções são Fúria e Melancolia, a partir de um trecho de *Amériques* de Varèse.



REALIZAÇÃO

**FUNDAÇÃO OSESP**  
Organização Social de Cultura



**SÃO PAULO**  
GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria da  
Cultura, Economia  
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



PRONAC: 232471